
ENSINAR NO CAMPO DA INTERPROFISSIONALIDADE: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Ana Lúcia Abrahão¹, Magda de Souza Chagas².

Resumo:

O campo do ensino em saúde no Brasil mobiliza diferentes experiências no esforço de estimular formas de mudanças no currículo e fomentar o debate sobre a formação mais próxima das necessidades de saúde da população. Este movimento vem incorporando a interprofissionalidade como espaço de encontro entre as profissões e articulação dos saberes, proporcionando um território fértil para a produção do cuidado. Objetivo: Refletir sobre a dinâmica Interprofissional em saúde, na perspectiva de exercitar subsídios pedagógicos para o ensino online. Metodologia: Trata-se de uma reflexão teórica que tomou autores do campo da Educação e da Saúde como eixo estruturante do pensamento, somado ao exercício docente das autoras durante o ensino online. Concluímos que é necessário produzir metodologias para aproximação da prática interprofissional centrada na experiência como elemento fundamental para superar a fragmentação da formação em saúde.

Palavras-chave: Ensino; Práticas Interdisciplinares; Comunicação Interdisciplinar



Recebido em: 30/11/2021

Aceito em: 02/02/2022

Publicado em: 01/06/2022

¹Professora Titular da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC) da Universidade Federal Fluminense. Email: anaabrahao@id.uff.br

²Professora Adjunta do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal Fluminense. Email: magdachagas@id.uff.br.

Introdução

A formação de um profissional da saúde, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), está vinculada a uma atuação integral da atenção à saúde, e deve ser construída por meio do efetivo trabalho em equipe, numa perspectiva colaborativa e interprofissional. Assim, a interprofissionalidade é o momento em que há intensa interação entre diferentes núcleos profissionais, não apenas coabitando o mesmo espaço, ou trabalhando “junto” no serviço de saúde, mas afetando e se deixando ser afetado pelo saber e conhecimento do outro que é diferente do meu, aqui incluímos também o usuário/pessoa. Entretanto, ainda não é isso que encontramos nos locais de trabalho e nem tampouco nas universidades, onde ainda está presente o ensino centrado em um protocolo tecnológico que fortalece cada profissão isoladamente, com pouca porosidade para a inclusão ou articulação com outros núcleos profissionais.

A cisão presente durante a formação continua no agir entre profissionais que não aprenderam a trabalhar juntos, e seguem trabalhando separadamente, sem construir ou aventar a possibilidade de uma proposta terapêutica que abarque integralmente cada pessoa. Se a separação das disciplinas, ou mesmo dos núcleos profissionais, ocorreu em dado momento no intuito de facilitar a formação e abranger a complexidade do ser humano, o momento atual aponta necessidade de revisão e construção de caminhos articulados.

No cenário atual, o usuário do sistema de saúde encontra-se fragmentado, na periferia do processo com baixo reconhecimento das necessidades e demandas feitas por ele (ABRAHÃO E MERHY, 2014). Tal movimento revela “a baixa capacidade de entender o mundo das necessidades como muito mais amplo do que a simples existência humana como um corpo biológico” (MERHY, 2003:4). A fragmentação do usuário, constitui movimento intrínseco nas equipes e ocorre na contramão do esperado da formação profissional em saúde.

Construir espaços acadêmicos que propiciem interação, troca e experimentação de conhecimentos para além das bordas de cada curso, no que podemos denominar de área comum, é desafio que vale incorporar o quanto antes nos encontros elaborados pelos e para discentes e docentes. (CECCIM, 2018) Se as diferentes áreas da saúde e o cuidado singular para o usuário exigem cada vez mais articulações entre as áreas de conhecimento, ao mesmo tempo em que sabemos que o trabalho em equipe amplia a caixa de ferramentas das competências do profissional, aumenta a capacidade de resposta do serviço para o usuário, assim como das intervenções a serem pensadas para ele, proporcionar mistura, afetação pelo outro e pelo saber do outro, é algo que a universidade deve se ocupar. Como destaca Ceccim (2017, p.52): “a interprofissionalidade é mote e potência de mais pesquisa, experimentação e renovação, não aniquilando as profissões, antes aperfeiçoamento e

elevando suas competências e habilidades a patamares distintos, mais capazes de resolubilidade e interação”.

Este texto toma por objetivo, refletir sobre a dinâmica Interprofissional em saúde, na perspectiva de exercitar subsídios pedagógicos para o ensino online.

Metodologia

Trata-se de uma reflexão teórica, associada ao exercício docente das autoras. A reflexão teórica tomou o campo da Educação e da Saúde como eixo estruturante do exercício crítico reflexivo, fundamentada no conceito de interprofissionalidade. O exercício das autoras, se pautou na experiência durante a dinâmica do ensino on line, com alunos dos cursos da área de saúde.

Resultados e Discussão

O distanciamento social, uma das medidas sanitárias para o enfrentamento da pandemia do COVID-19, e a conseqüente necessidade da universidade construir, inventar ou reinventar outros espaços de encontros e trocas de experiências entre docentes, discentes, outros profissionais ou usuários do sistema de saúde, exigiu criatividade e ao mesmo tempo respeito e acolhimento da autonomia. Se por um lado os encontros presenciais não eram possíveis, aprender e ocupar o espaço virtual foi o caminho para mantermos em curso o exercício da formação.

Identificamos o conceito de experiência como elemento de articulação entre as profissões, permitindo a prática da integralidade e o exercício da comunicação e da construção de ações cooperativas, como eixo para o ensino online. Bondia difere experiência de informação, principalmente pelo momento em que vivemos no mundo com excesso de informações, quando impelidos a sorver e sorver informações e pouco espaço abrimos à experiência, o referido autor provoca outro olhar: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.(BONDÍA, 2002, p. 21)

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (BONDÍA, 2002, p. 22)

Como um dos exemplos vivenciamos a construção e realização de encontros ao vivo (lives) com a participação intensiva de discentes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Educação Física, Serviço Social e Psicologia, com docentes da Enfermagem e Nutrição, além de preceptores da Odontologia, Enfermagem, Psicologia e Medicina. Resolvemos tomar o exercício do planejamento das lives como processo de formação, processo de ensino aprendizagem na perspectiva interprofissional. A participação desde a discussão dos temas (O Papel da Atenção Básica na Pandemia; O Cuidado ao Cuidador; Saúde Mental), definição de convidados com foco na abordagem interprofissional em cada tema escolhido, realização dos convites, distribuição de tarefas a serem desenvolvidas, uso intensivo de diferentes tecnologias e operação das mesmas por parte dos(as) discentes, assim como experimentação na moderação de mesas. As vivências e vivências foram vastas e todas com viés e atravessamento interprofissional. Sempre buscando estimular e provocar a prática colaborativa na construção dos exercícios da formação. Ao término de cada live foi destacada e ressaltada, para que as(os) discentes percebessem o desenvolvimento das atividades, a autonomia na construção de diferentes conhecimentos e principalmente o trabalho desenvolvido com discentes de outros núcleos de formação. Assim, abordar sobre a interprofissionalidade a partir do vivido, após realização de cada evento, passou a ser exercício e prática necessária.

A experiência vivida possibilitou inferir que a estratégia de ensino online deve permitir ao estudante provar, se arriscar e atravessar a fluidez da experiência viva e vivida, na perspectiva de experimentar. Oferta um pouco diferente de uma simples exposição ao conteúdo, mas produzindo significado e sentido. Ninguém pode aprender pela experiência do outro, a não ser que essa experiência seja revivida e tornada própria.

Conclusões

Concluimos que o momento atual é de intenso aprendizado e desterritorialização para docentes e discentes e que pode ser o momento de intensas reflexões sobre o que e como temos construído o processo formativo. A vivência da pandemia oferta diferentes situações, pontos de vista e perspectivas, algumas levaremos mais tempo para elaborar ou processar, outras podem configurar portas de entrada à dimensões que até então desconhecíamos, ou pouco explorávamos e por pouco explorarmos, hoje nos surpreendem. Destacamos aqui a facilidade com que discentes de diferentes cursos da área da saúde trabalharam e criaram juntos(as) com intensa potência, articulação e responsabilidade. O exercício da autonomia e criatividade das(os) discentes no próprio processo de formação é um ponto que a universidade, o processo de formação como um todo precisa olhar.

O ensino remoto impõe que cada discente assuma autonomia do seu processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que ao(à) docente é exigida novas elaborações quanto ao tempo de contato, a ocupação do lugar de provocador e estimulador da curiosidade e busca pelo conhecimento, assim como a revisão do processo de avaliação. Enfatizar a necessidade de produzir metodologias para aproximação da prática interprofissional centrada na experiência é fundamental para que a fragmentação da formação seja superada, sendo crucial a aproximação dos alunos à realidade vivenciada, os problemas enfrentados, o tornando mais preparado e crítico para uma atuação de qualidade após o ensino superior, reconhecendo a importância da colaboração e produção da articulação interprofissional, no franqueamento das fronteiras profissionais, como forma de construção de um cuidado que parte da necessidade do usuário.

Referências

ABRAHÃO, A. L., MERHY, E. E. Formação em Saúde e Micropolítica: sobre conceitos-ferramentas na prática de ensinar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu. v. 18, Mai, 2014.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº19, 2002.

CECCIM, Ricardo Burg. Interprofissionalidade e experiências de aprendizagem: inovações no cenário brasileiro. In: TOASSI, R. F. C. *Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?* Porto Alegre: Rede Unida, 2017. p. 49-67. (Série Vivência em Educação na Saúde).

CECCIM, R. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação. *Interface*. Botucatu. v. 22 (Supl. 2), 2018.

MERHY, E. E. Como fatiar um usuário: atomédico + atodeenfermagem + atoY. *Conselhos regionais de saúde MG jornal unificado*. Minas Gerais. 2003.